

Seminário 4: GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia de Bolso, 2008. (Prefácio à edição italiana; Menocchio; A aldeia; O primeiro interrogatório), pp. 11-37.

Adele Belitardo

Gabriela Tamari

Comentários das professoras:

O seminário está muito bem estruturado e escrito, mostrando um bom aproveitamento das aulas, autores e textos de referências do curso. As aulas e a proposta de fazer o seminário nesse formato escrito – em virtude das condições impostas à disciplina pelo Covid-19 – têm como objetivo fomentar esse tipo de diálogo entre os diferentes materiais disponibilizados pela disciplina, produzidos pelas professoras e pelos estudantes, possibilitando momentos de consolidação do aprendizado como este. Nesse sentido, o trabalho apresentado contribui para a construção dos materiais que temos produzido para orientá-los nos estudos ao longo do semestre. Nossos comentários, portanto, vão no sentido de enfatizar certos aspectos do texto/ trabalho de Ginzburg e suas relações com as outras aulas e textos do curso.

Na apresentação do autor, a dupla traz aspectos importantes de seu percurso intelectual, indicando as suas áreas principais de atuação e relações com a Escola dos Annales (ponto mais explorado na apresentação do texto, como veremos). Ainda nessa apresentação, as estudantes destacam com pertinência o compromisso de Ginzburg com a difusão do conhecimento acadêmico entre o público mais amplo, expresso no cuidado com o texto, ou, dito de outro modo, com a forma de narrar a história. Esse compromisso aparece novamente na apresentação da estrutura do texto, quando as estudantes destacam a estratégia do autor de construir uma narrativa distinta da acadêmica, mais fluida, sem notas numeradas de rodapé. Essa forma narrativa, que ele nomeia ensaio, é discutida por Ginzburg em outro trabalho, no qual levanta questões acerca do gênero e insiste que *ensaio* não significa falta de rigor – para quem quiser aprofundar, ver a Introdução ao livro *Nenhuma ilha é uma ilha*: quatro visões da literatura inglesa (Cia das Letras, 2000).

Ainda dentro do percurso do autor, vale pontuar a importância de Ginzburg nos estudos de história da arte, apontada pela dupla. De fato, Ginzburg é, como Baxandall, que também lemos e discutimos, um historiador que se interessa pelo campo artístico, atentando para os aspectos internos e externos da obra de arte, ou seja, seus princípios disciplinares e o contexto social, sem estabelecer entre eles relações hierárquicas ou causais.

Talvez, ao final da apresentação do autor, tivesse sido interessante, além da lista das principais obras, uma síntese dos temas tratados pelo historiador ao longo de sua carreira, apontando que ele desenvolveu pesquisas históricas sobre objetos e tempos variados, mas que, como Baxandall e Rojas, dedicou-se também à historiografia.

Na apresentação do texto, vocês constroem boas relações com o percurso do historiador, destacando, como mencionado acima, seu diálogo com a Escola dos Annales e sua preocupação com a construção de uma narrativa acessível ao público leigo.

Na apresentação do tema vocês identificam bem o foco na discussão sobre a circularidade da cultura das classes subalternas e dominantes, que fazem de Menocchio um objeto de pesquisa pertinente com o problema a ser enfrentado a partir de um conjunto de fontes que, como ele mostra, devem ser criticadas com cuidado. Este é um exemplo claro de formulação de um problema na articulação com o objeto de estudo e com as fontes documentais, que discutimos nessas primeiras aulas e retomaremos mais adiante na *Aula 9_A história problema e as fontes históricas*.

Na apresentação dos objetivos, estabelecem boa relação com o texto de apoio da Sabina Loriga sobre o estudo das individualidades e de como não é necessário que o indivíduo represente um caso típico. Essa questão foi apresentada na aula expositiva que acompanha este seminário, na qual apontamos como Loriga desenvolve uma explicação que está presente do texto de Ginzburg, embora de maneira não tão explícita. No fundo, quando Ginzburg questiona se Menocchio é um camponês típico e crítica a força determinante do contexto, ele está apontando para o pequeno X que Loriga menciona, enfatizando a importância de se considerar não apenas as condicionantes externas, mas o indivíduo nas suas escolhas e no seu percurso, por meio do qual ele se relaciona e modifica aquilo que o cerca ao longo da vida.

Na apresentação da estrutura, a dupla teve uma boa percepção da maneira como as questões teóricas e o problema de pesquisa levantado – a circularidade da cultura e a relação indivíduo/sociedade – é trabalhado por meio da análise de Menocchio.

Nesse trecho, foram muito bem construídas as relações entre o texto de Ginzburg e a contribuição com os textos historiográficos de Barros e Aguirre Rojas sobre a micro-história, alinhando também aqui um dos pontos do tecido historiográfico e metodológico que estamos construindo na disciplina.

A apresentação de cada uma das partes escolhidas do livro está muito bem feita. As sínteses estão precisas. Caberia apenas, como um exercício importante, destacar por meio de quais fontes ele apresenta o personagem e constrói suas análises. As principais delas são os processos da Inquisição, por meio dos quais Ginzburg recupera testemunhos, discursos e informações objetivas (como, por exemplo, o dote da filha de Menocchio). Mas além deles, ele trabalha também nesses trechos com as vestimentas,

por meio das quais ele reconhece/ confirma a ocupação principal do moleiro. É no cotejamento destas e outras fontes exploradas ao longo do livro que ele vai construindo a sua narrativa e análise, para voltarmos, de novo, às primeiras aulas.

A bibliografia indicada pela dupla é suficiente para complementar o estudo.